



REPRESENTAÇÕES DAS CULTURAS HISPANO-AMERICANAS EM IMAGENS NA WEB: reflexões sobre valoração e apagamento e seus reflexos para as crenças sobre a aprendizagem de Língua Espanhola

Flávia Karolina Lima-Duarte¹

Luiz Fernando Gomes²

1 INTRODUÇÃO

As imagens são responsáveis por grande parte das nossas percepções culturais. Ao fazermos um retorno ao período da pré-história, observando, por exemplo, as pinturas na caverna Lascaux (sul da França), realizadas cerca de 15.000 a 10.000 a.C. muita informação a respeito das culturas e crenças desses povos podem ser inferidas. Além disso, segundo Gombrich, elas são “a mais antiga relíquia da crença universal no poder das imagens” (2006, p.39). Para esse autor,

ao que parece, esses caçadores primitivos imaginavam que, se fizessem uma imagem de suas presas – e talvez se as golpeassem com suas laças e machados de pedra -, os animais reais também sucumbiriam ao seu poder.” (GOMBRICH, 2016, p. 39)

Já nos tempos modernos e especialmente nos dias de hoje, a fotografia, a televisão e o cinema, vêm exercendo forte poder na construção das representações sociais, com ênfase na disseminação de ideias hegemônicas.

A criação da web 2.0, em 1994, a ampliação do acesso e o aumento da banda de conexão têm proporcionado aceleração e aumento no volume de imagens, fotos e vídeos, nas chamadas redes sociais e sites de busca que, de forma maciça, contribuem para formação e crenças e para as tomadas de posições quanto às relações interculturais e os jogos de poder que lhes são inerentes.

É importante salientar que o contexto do ensino do espanhol no Brasil é marcado pela hegemonia do espanhol peninsular (BRASIL, 2006); ademais, os livros didáticos também tendem a apagar e silenciar a América Latina (LESSA, 2013).

¹ UFAL/ IFMT.

² UFAL.

Refletindo sobre as representações sociais que circulam por meio das imagens, e sua relação com o ensino da Língua Espanhola no Brasil, objetivamos, nesse estudo, buscar evidências que nos permitam discutir a hipótese que essas relações influenciam na diferente valoração dada à língua e as culturas espanholas ibéricas e sul-americanas e nas crenças sobre a aprendizagem dessa língua. Sendo assim, elas talvez contribuíssem para o desprestígio dos povos e culturas latinas e para a desvalorização da Língua Espanhola no currículo escolar das escolas brasileiras.

2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUAS IMPLICAÇÕES NO CONTEXTO LATINO-AMERICANO

A noção de representação social é construída a partir de interpretações sociais compartilhadas entre as pessoas por meio de interações linguísticas, culturais e mediáticas. Nas palavras de Jodelet,

Reconhece-se, geralmente, as representações sociais, como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e comunicações sociais. Igualmente intervêm em processos tão variados quanto a difusão e a assimilação dos conhecimentos, no desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais. (1989, p.35).

Essa noção de representação social concebida por meio do conhecimento compartilhado pode favorecer o intercâmbio cultural e linguístico entre as pessoas. Contudo, compreendemos que também pode ser um fator limitador. Se refletirmos em termos de América Latina, contexto deste trabalho, o que se tem de conhecimento do senso comum é que os países da América Latina são pobres e povoados por indígenas. Dito de outro modo, o estereótipo que se tem dos povos da América do Sul é pejorativo e reducionista. Isso, lamentavelmente, reflete no desinteresse e na desvalorização da Língua Espanhola no Brasil. Essa desvalorização pode ser explicada com base em Zarate (1998), para quem as representações podem ser compreendidas como um *processo interpretativo*, ou seja, pode produzir efeitos de sentidos valorativos ou desvalorativos; no caso da América Latina, conforme já dissemos, os sentidos produzidos são de desvalorização.

Consoante com esse pensamento, Arnoux (2010 p.17 *apud* Lima 2013, p.29) compreende que as representações “intervêm na construção das identidades, posto

que configuram uma parte dos imaginários sociais, necessários para reconhecer-se ao outro, e fazer possíveis e legitimar as ações coletivas”. Para essa autora, “as línguas estão associadas com representações que implicam dimensões valorativas e que se vinculam com diferentes representações do universo social” (*Idem*, p. 34). Isso explica o interesse por parte dos estudantes em aprender a Língua Inglesa e o desinteresse em aprender a Língua Espanhola, o que pode ser justificado pela crença de que a Língua Espanhola é fácil (Zolin-Vez, 2013), portanto não precisa ser estudada, ao passo que aprender a Língua Inglesa é sinônimo prestígio, *status* social.

Nessa perspectiva de que a linguagem influencia nas representações, trazemos as contribuições de Moscovi (*apud* Jodelet, s/d, p. 12), cujo estudo considera que a comunicação exerce um papel fundamental em relação às representações sociais. Este autor associa o conceito da psicologia social à concepção cognitiva das representações sociais, de modo que apresenta três níveis de representações sociais:

- 1) No nível da emergência das representações, as concepções afetam os aspectos cognitivos. Por esta perspectiva se destacam: a dispersão e a distorção das informações concernentes ao objeto representado que são desigualmente acessíveis de acordo com o grupo.
- 2) No nível dos processos de formação das representações, a objetivação e a ancoragem consideram a interdependência entre a atividade cognitiva e suas condições sociais de exercício nos planos do agenciamento dos conteúdos, das significações e da utilidade que lhes são conferidas.
- 3) No nível das dimensões das representações tem-se a influência na edificação das condutas: opinião e estereótipo, sobre os quais intervêm os sistemas de comunicação mediática. Estes, segundo os efeitos pesquisados sobre audiência, apresentam propriedades estruturais diferentes correspondentes à difusão, à propagação e à propaganda. A difusão é relacionada com a formação de opiniões, a propagação com as atitudes e a propaganda com estereótipos.

É inegável que a comunicação/linguagem tem um papel importante na construção de representações sociais, pois com as tecnologias os discursos se propagam rapidamente. Destacamos aqui o terceiro nível – das dimensões representadas, que

influenciam na conduta com o apoio da comunicação mediática. É importante evidenciar que a escolha dos discursos difundidos pelos meios de comunicações representam os interesses das classes dominantes, conforme salienta Jodelet, “certamente, há representações que chegam a nós já prontas ou que “atravessam” os indivíduos. São as que impõem uma ideologia dominante, ou as que estão ligadas a uma condição definida no interior de uma estrutura social” (s/d, p.14).

No contexto da América Latina, a mídia tende a representar os povos e suas culturas pejorativamente. Essa representação pejorativa ocorre inclusive na educação, por meio dos livros didáticos que circulam nas escolas brasileiras “é significativo assinar que a mídia, os autores dos livros didáticos e os professores, como formadores de opinião, podem ajudar na difusão ou manutenção de representações estereotipadas e negativas, dependendo de como apresentam a história das colonizações” (LIMA, 2013, p.44).

Refletindo sobre essa noção de representações sociais para o ensino de Língua Espanhola, compreendemos que os meios de comunicação, os livros didáticos determinam a Espanha como o único lugar do espanhol, o que contribui para o apagamento da América Latina. Portanto, na próxima subseção teceremos algumas considerações sobre a hegemonia do espanhol peninsular.

2.1 ENSINAR E APRENDER A LÍNGUA ESPANHOLA: SÓ SE FOR O ESPANHOL FALADO NA ESPANHA

O ensino de Língua Espanhola no Brasil é marcado pela hegemonia do Espanhol Peninsular, apesar de fazermos fronteira com sete países que têm como língua oficial a Língua Espanhola: Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai, Peru, Colômbia e Venezuela. Com base nesse contexto, uma das principais preocupações apresentadas nas Orientações Curriculares do Ensino Médio (2006) foi a de propor uma reflexão a respeito do reducionismo do espanhol na América Latina, que é marcado pela visão que temos das culturas e dos povos que falam essa língua. Compreendemos que o reducionismo ocorre porque, como vimos na subseção anterior, as representações sociais são marcadas pela ideologia dominante. Nesse sentido, o ensino do espanhol peninsular se impôs no Brasil:

[...]por uma hegemonia do Espanhol peninsular, que se impôs, por várias razões tanto a professores hispanofalantes latino-americanos quanto a professores e estudantes brasileiros, levando à consolidação de preconceitos, à camuflagem das diferenças locais e ao apagamento das diferentes culturas e manifestações lingüísticas que configuram a diversidade identitária do universo hispanofalante (CAMARGO, 2004: 143-144 *apud* BRASIL, 2006: 128).

Associando ao conceito proposto por Moscovi de que no – *nível das dimensões das representações* – as mensagens difundidas na mídia contribuem nas edificações de conduta. Nesse sentido, compreendemos que a hegemonia da Língua Espanhola peninsular é também consolidada pelos discursos veiculados, ou melhor, não veiculados na mídia, visto que no Brasil a televisão silencia a América Latina. Para Huckin, “o silêncio manipulativo é visto como forma ideológica mais poderosa de silêncio no discurso público” (2002, p.347 *apud* Lessa, 2013, p.23). Podemos citar como exemplo que a América Latina quase não aparece nos principais telejornais, mas quando noticiada é para ressaltar aspectos negativos desses países. O Paraguai, por exemplo, é visibilizado pelo tráfico de drogas, contrabando de cigarros, bebidas e pelas vendas de produtos chineses (vulgarmente conhecidos como “produtos paraguaios”). Isso reflete na memória e na identidade que os brasileiros constroem a respeito dos povos desse país.

Assim como os meios de comunicação, a escola e os materiais didáticos também contribuem com as representações sociais que os alunos podem ter de alguns povos. Em um estudo desenvolvido por Matías Blanco (2010 *apud* LESSA, 2013:20), o autor observa que os discursos veiculados nos materiais didáticos produzidos na Espanha e no Brasil “contribuem para a naturalização de uma imagem de América Latina subalterna, deficitária e exótica”. Ressaltamos que essa representação tem sido construída pelos espanhóis desde a época do descobrimento da América em que Colombo, em seu diário de viagem, descreve os índios como seres que “apesar de nus parecem mais próximos dos homens do que dos animais” (TODOROV, 2010: 48). Ainda na época da colonização, os a população do Caribe foi representada socialmente de modo negativo, isto é, foram chamados de preguiçosos pelos Espanhóis por não querem trabalhar em condições subumanas, conforme aponta Eduardo Galeano,

a população das ilhas do Caribe deixou pagar de tributos, pois desapareceu: os indígenas foram completamente exterminados nas lavagens do ouro na terrível tarefa de revolver as areias auríferas com a

metade do corpo debaixo d'água, ou lavrando os campos até a exaustão, com as costas dobradas sobre pesados instrumentos de aras trazidos da Espanha (2016, p.33).

Tendo em vista a má sorte dessa população, os indígenas da Dominicana mataram seus filhos e depois se suicidaram para não trabalharem para os Espanhóis. Nesse sentido, compreendemos que esse fato histórico pode ter contribuído para visão pejorativa dos povos indígenas que não se sujeitavam ao trabalho escravo.

Lembramos ainda que foi na época da colonização que se introduziu o conceito de raça, conforme Quijano, “a ideia de raça em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América” (2005, p.107). Essa conotação racial foi uma maneira de legitimar as relações de poder impostas pelos Europeus, pois ainda de acordo com esse autor,

Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. (idem).

Essa representação de inferioridade da “raça indígena” ainda é muito forte no ensino, visto que “a maioria dos livros didáticos contemplam agentes que representam a camada social mais privilegiada no contexto urbano latino-americano, em detrimento das populações indígenas e rurais, que figuram folcloricamente, sem voz ativa” (LESSA, 2013, p. 21). Contribuindo, desse modo, para apagamento da América Latina e, principalmente, dos povos com menos prestígio.

Lima (2013, p. 34), em um estudo sobre *As representações sobre a América Latina em livros didáticos de Língua Espanhola, de história, de geografia e de sociologia* defende que as mídias e os livros didáticos podem contribuir para “superar as representações sociais, ou estereótipos que os cidadãos dos países sul-americanos têm uns dos outros”. Contudo, na pesquisa desenvolvida pela autora, os resultados demonstram que esses materiais reforçam a visão estereotipada da América Latina, marcando negativamente as culturas desses povos. Podemos citar como exemplo o livro de história para o ensino fundamental, dos autores Braick e Mota (2006 *apud* Lima, 2013), em que eles ressaltam de modo negativo os governos de esquerda

Hugo Chavéz e Evo Morales³, enfatizando o discurso de oposição desses governantes em relação à América do Norte.

Nesse sentido, consideramos que essas representações sociais que favorecem o apagamento e a desvalorização da América Latina refletem no ensino de Língua Espanhola, posto que, em geral, os alunos tendem a desvalorizar o ensino dessa língua por considerá-la fácil, por associá-la aos povos indígenas e folclóricos veiculados nos livros didáticos. Ou seja, compreendemos que a mídia contribui para a construção de crenças e representações equivocadas e monocultural de um povo; o que nos faz refletir sobre a necessidade de trilharmos um caminho para ensino intercultural. Nesse sentido, na próxima subseção teceremos algumas considerações a respeito da interculturalidade.

2.2 EDUCAÇÃO INTERCULTURAL: UMA POSSIBILIDADE DE CONHECERMOS NOSSOS VIZINHOS LATINOS

Conforme vimos na subseção anterior, os livros didáticos e os meios de comunicação tendem a evidenciar algumas culturas e calar outras, cabe à escola e aos professores auxiliar na desconstrução desses estereótipos e desse silenciamento, para tanto, tornam-se necessárias propostas metodológicas de ensino de língua estrangeira baseadas na interculturalidade. De acordo com Lima (2013, p. 30), “o papel da cultura é muito importante, pois pode levar ao entendimento mútuo, ao reconhecimento, à aceitação das diferenças e a aproximação em termos culturais e sociais”.

Nesse mesmo sentido, conforme documento oficial da UNESCO (2006), a interculturalidade é um conceito dinâmico que tem como base a evolução das relações entre os grupos culturais, cujo foco é a interação entre esses grupos para que, conhecendo-se, consigam dialogar e respeitar-se. Esse diálogo pode ser regional, nacional e internacional. Portanto, o que se propõe é que a educação intercultural seja baseada em quatro pilares: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver e aprender a ser” (2006, p.19-20). Assim, a educação intercultural,

³ Não estamos aqui valorando as políticas desses governantes, apenas queremos demonstrar que autores do livro didático enfatizam o discurso da política dominante mundialmente.

deve ser fundamentada no ensino das “línguas, histórias e culturas de grupos não dominantes”.

Sabemos que promover a interação intercultural não é uma tarefa fácil, pois, como nos alerta Estermann (2010), as relações entre culturas diferentes quase nunca ocorrem de forma simétrica e horizontal; ao contrário, estão sempre sujeitas a jogos de poder que têm a ver com fatores econômicos, militares e religiosos. Aprender uma segunda língua como língua adicional pressupõe desenvolver uma nova forma de olhar para o outro não apenas como um possível interlocutor em algum evento comunicativo, mas como pessoa, ser social que habita e vive num país cujas manifestações culturais a que temos acesso, na maioria das vezes, nos chegam ao conhecimento quer pela mídia, cinema, livros, etc., e em menor escala pela visita ou estada em um país falante da língua que se estuda.

Sendo assim, essas interações precisam ir além do código linguístico para se tornarem interculturais, ou seja, precisam ultrapassar a multi e a transculturalidade, refutando a ideologia de superioridade cultural, envolvendo-se em relações simétricas e horizontais a fim de que se enriqueçam mutuamente e contribuam para a maior plenitude humana.” Para que isso ocorra, é necessário que cada aluno tome consciência da “culturalidade” de sua própria postura e, assim, abra espaço para outras “culturalidades” (ESTERMANN, 2010, p.39).

3 REPRESENTAÇÕES DAS CULTURAS E POVOS HISPANO-AMERICANOS EM IMAGENS DA WEB

Para a formação do corpus da nossa pesquisa utilizamos os seguintes termos chave no *Google Imagens*: 1) Culturas sul - americanas; (2) Culturas espanhola; (3) Povos sul-americanos; e (3) Povos Espanhóis. Dos resultados de cada busca, separamos todos os resultados das duas ou três primeiras filas horizontais, o que nos trouxe o resultado entre 10 a 16 imagens por bloco. Essa variação de quantidade se deve ao tamanho das imagens. Obtivemos um total de 53 imagens, que serão analisadas nesta seção de forma contrastiva, ou seja, bloco 1 em contraste com bloco 2 e bloco 3 em contraste com bloco 4.

O primeiro bloco de imagens (abaixo) – Culturas sul-americanas – é composto por 11 fotos, conforme podemos observar.

Figura 1 - Bloco de imagens 1 - Culturas sul-americanas



Ao verificarmos o bloco de imagens 1, cujas fotos representam as culturas dos povos da América do Sul, as que mais se destacam, pela quantidade, são a dos indígenas e das apresentações de danças folclóricas.

As fotos 1 e 11 trazem representações dos povos indígenas de Mato Grosso. Essas fotos contribuem para que as pessoas que pesquisem na web o termo “culturas sul-americanas” reforcem a construção da *identidade imaginária* (ARNOUX, 2010) de que esses países são povoados apenas pelos indígenas e que todos os indígenas (ainda hoje) não usam roupas, usam cocar e sempre estão com os rostos e corpos pintados. Uma evidência dessa representação social é que no dia 19 de abril, data em que celebrarmos o Dia do Índio, as crianças que estão na educação básica têm os rostos pintados por seus professores e ganham um cocar que, em geral, confeccionam de cartolina. Desse modo, perdura-se até a atualidade a representação social que Colombo descreveu quando entrou em contato com os indígenas, de que “apesar de nus parecem mais próximos dos homens do que de animais” (TODOROV, 2010, p, 48), porque essas fotos dos indígenas apresentadas no site de busca recupera nossa memória a ideia de homens primitivos.

As fotos 2 e 6 mostram uma apresentação de dança boliviana e colombiana num festival promovido por uma escola no município de Ladário, em Mato Grosso do Sul. Sabemos que se trata de apresentações nesse município, porque pelas roupas a pesquisadora percebeu que talvez não fosse uma apresentação realizada por colombianos, então, acessou as imagens para se certificar a respeito da procedência. Primeiramente queremos destacar o apagamento da América Latina, visto que essas fotografias são de apresentações realizadas por estudantes brasileiros. Por outro lado, não podemos deixar de destacar a educação intercultural realizada pelos profissionais dessa escola, tendo em vista que deram a oportunidade de seus estudantes conhecerem um pouco da cultura desses países, que não representam a cultura dominante (UNESCO, 2006). Compreendemos que essa sensibilidade dos profissionais dessa escola em promover o ensino intercultural pode estar relacionada ao contexto geográfico do município de Ladário que faz fronteira com um município boliviano.

A foto 9 mostra o turismo cultural do Império Inca, que ultimamente tem despertado o interesse dos brasileiros, contudo, essa imagem que representa a sabedoria do Incas, revela apenas a arquitetura e exclui as pessoas que mantêm até hoje viva a tradição dos Incas, enfatizando assim, o silenciamento e apagamento dos indígenas que não podem ou não devem ser representados por seu conhecimento milenar em arquitetura.

Nas fotos 3 e 7 vemos o tango e os gaúchos argentinos. Um ponto que despertou nossa atenção nessas fotografias reside no fato de que elas são realmente da Argentina, ou seja, não são ações reproduzidas por brasileiros como ocorreu nas danças boliviana e colombiana. Os argentinos conhecidos como “europeus da América” são povos valorizados culturalmente pelos brasileiros (comida, filmes, vinho, lugares turísticos para classe média e alta, como Bariloche, etc.), apesar da rivalidade futebolística entre esses países. A cultura argentina é valorizada também nos livros didáticos (LESSA, 2013). Portanto, quando o tema é a América Latina evidenciam-se as camadas mais privilegiadas, como, por exemplo, as classes privilegiadas do Chile, da Argentina e do Uruguai, e silenciam as populações indígenas, que são apresentadas como figuras folclóricas.

Finalmente, a foto 4 trata de uma apresentação cultural árabe, o que reforça o apagamento da cultura latino-americana, pois essa foto equivocada da cultura mulçumana apresentada na web como “culturas sul-americanas”, se traduz num maior prestígio da cultura árabe em relação as culturas latinas.

Figura 2 - Bloco de imagens 2 - Culturas espanhola



No bloco de imagens 2 – que representa a Cultura espanhola – podemos observar três elementos principais e mundialmente conhecidos e valorizados: a *paella*, que é uma comida típica; a dança flamenco e as touradas. Ressaltamos aqui, que até mesmo as touradas que são questionáveis, porque os defensores dos direitos dos animais compreendem que as touradas devem ser proibidas, são representadas nestas fotos como algo nobre. Por essas fotos, no que se refere ao *nível das dimensões das representações* (MOSCOVI, s/d) vemos que os efeitos que a mídia provoca são de que a cultura Espanhola é sempre muito imponente, bonita, digna de ser conhecida e apreciada. Não estamos dizendo o contrário, apenas questionamos esses discursos veiculados na mídia que sempre atendem os interesses das classes dominantes, neste caso, dos colonizadores (JODELET, s/d).

Finalmente, comparando o bloco de imagens 1 e 2, evidenciamos que todas as imagens do bloco 2, são fotos de contextos reais em que demonstram a cultura Espanhola, diferentemente do que ocorreu com a América Latina. Assim, a leitura

que realizamos é a de os latinos, com exceção dos Argentinos, não possuem culturas que merecem ser apreciadas, por isso precisam ser invisibilizados na web.

Figura 3 - Bloco de imagens 3 - Povos sul-americanos



O terceiro bloco de imagens representa os Povos sul-americanos. Como podemos observar, neste bloco, diferentemente do primeiro, os indígenas que falam a Língua Espanhola na América estão representados. Examinado esse bloco de imagens, o que a pesquisa web enfatiza é que na América todos os povos são indígenas, pois, com ressalva das fotos 2, 5, 11 e 16 que são mapas e bandeiras, as outras 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13 e 14 são de indígenas.

Realmente, a maioria da população da América Latina é indígena, porém, vale ressaltar que com a miscigenação dos povos, nem todos têm os traços indígenas. Contudo, o que importa nesse bloco de imagens, é que a representação social em relação aos indígenas não é positiva. Um exemplo disso é que eles são tidos como preguiçosos, desde a época da colonização; essa representação foi criada pelos espanhóis porque os índios não se sujeitavam ao trabalho escravo (GALEANO, 2010). Nesse sentido, a web assim como os livros didáticos reforça a visão estereotipada e negativa da população indígena, enfatizando sempre o discurso dos colonizadores.

Outra representação desse bloco de imagens é o conceito de raça que perdura até os dias hoje. Como vimos em Quijano (2005), os europeus após a colonização da

América elaboraram esse conceito de raça para naturalizar as relações coloniais de denominação entre europeus e não-europeus, o que dá ideia de superioridade dos espanhóis em relação a inferioridade dos indígenas. Portanto, o que as fotos da web representam é a legitimação de poder imposta pelos Europeus, porque como pudemos observar nas fotos, “única raça” existente na América Latina é a dos não-europeus.

Vejamos a foto número 14, que mostra o Presidente boliviano Evo Morales. Esta foto também produz um efeito de sentido *desvalorativo* (ZARATE, 1998), porque, no Brasil, historicamente os livros didáticos ressaltam negativamente os governos de esquerda. Em relação a Evo Morales os discursos veiculados nos materiais didáticos são de que ele faz oposição aos governantes dos Estados Unidos (BRAICK & MOTA, 2006). Além disso, os principais veículos de notícias também dão ênfase negativa a esse governante. Desse modo, a internet contribui para nossa percepção negativa da América.

Sendo assim, essas fotos dos povos sul-americanos promovem a desvalorização desses povos. Melhor dito, a representação cultural que os brasileiros têm dos indígenas é reducionista e pejorativa. Nesse sentido, compreendemos que as fotos veiculadas na web corroboram para continuidade da visão negativa que temos da América Latina e para que os estudantes brasileiros não tenham interesse em estudar a Língua Espanhola.

Figura 4 - Bloco de imagens 4 - Povos Espanhóis



O quarto e último bloco de imagem que analisamos trata da expressão de busca: Povos espanhóis. Vamos analisar este bloco comparando-o com o bloco de imagens 3. Como podemos ver nas fotos de imagens 1, 2 3, 5, 6, 11, 12 e 17, elas estão representadas os torcedores da seleção espanhola, o que demonstra o “fanatismo” dos espanhóis pelo futebol. Destacamos que aqui na América Latina também temos torcedores apaixonados por futebol como os argentinos, o paraguaios e o uruguaios, mas foram apagados no bloco de imagens 3.

A foto 4 foi uma imagem que nos chamou bastante atenção, posto que nela estão representadas espanhóis que contribuíram com a história do país: 1ª fila: Isabel I de Castela, Fernando II de Aragão, Hernán Cortés, Inácio de Loyola, Carlos I da Espanha, Teresa de Ávila; 2ª fila: Miguel de Cervantes, Francisco Goya, José María de Pereda, Rosalia de Castro, Benito Pérez Galdós, Leopoldo Alas; finalmente, 3ª fila: Antoni Gaudí, Pablo Picasso, Salvador Dalí, Juan Carlos I da Espanha, Antonio Banderas, Rafael Nadal.

A respeito da foto 4, enfatizamos aqui os espanhóis ligados às artes – Cervantes, Goya, Picasso e Dalí que são mundialmente conhecidos por suas obras, contudo, o que nos inquietou é que no bloco 3 não tivemos nenhuma foto de escritor ou artista latino reconhecido mundialmente como, por exemplo: Gabriel García Márquez, Pablo Neruda, Mario Vargas Llosa, Octavio Paz, Jorge Luis Borges. Com isso, queremos demonstrar que esses intelectuais foram completamente apagados nessa busca no Google. Relacionado ao esporte, nessa foto temos o nadador Rafael Nadal, mas, no bloco 3, não tivemos nem os famosos jogadores de futebol argentinos Maradona e Lionel Messi, por exemplo. Ainda nesse grupo de personalidades que compõem a foto 4, está o famoso astro de cinema Antonio Banderas, porém, no que se refere à América Latina, não tivemos nem mesmo a foto da famosa cantora colombiana Shakira, como se não pudéssemos reconhecê-la como latina. Finalmente, para completar essa análise comparativa, no bloco 3 a única personalidade que apareceu na pesquisa web foi a do Presidente Evo Morales, no entanto, como vimos na análise anterior, esse governante não é valorizado.

Assim, concluímos que os blocos de imagens 3 e 4 só reafirmam que os discursos veiculados na mídia são impostos pela ideologia dominante, pois reforçam o lugar da Espanha colonizadora como a detentora do poder e da superioridade e da América Latina colonizada como subalterna e inferiorizada.

4 CONSIDERAÇÕES

Se as imagens acabam por marcar nossas representações dos outros povos e de suas culturas, os quatro blocos de imagens obtidos em pesquisa na internet com os termos de busca (1) culturas sul-americanas, (2) culturas espanhola, (3) povos sul-americanos e (3) povos espanhóis mostraram um apagamento de certo valor intelectual dos povos da América do sul; o que foi evidenciado sobre a América (o folclore, a etnia e a origem indígena). Em contraponto, os blocos de imagens da Espanha mostram a arte, esporte, cultura e intelectuais. Desse modo, tivemos um desequilíbrio nas representações sociais disponibilizadas na web, como se aqui não tivéssemos intelectuais e que nossa cultura sempre deverá estar relacionada ao folclore e aos rituais indígenas.

Nesse sentido, percebemos que a mídia tem o poder de criar esse imaginário de representações sociais que enfatizam o modo reducionista de como enxergamos esses povos. Ou seja, o que se tem por meio da mídia é uma certa desvalorização dos sul-americanos, pois se nunca fomos a esses países só podemos obter informações desses locais pela mídia, o que é desfavorável, porque, conforme vimos nessa pesquisa, a informação maciça veiculada na internet cria em nossa mente uma visão preconceituosa, que envolve poder, superioridade e etnocentrismo, enquanto que pelas imagens que analisamos, a América está relacionado à pobreza e a Espanha à riqueza.

Essas representações sociais construídas a partir da web reforçam nossa hipótese de que essas relações influenciam na diferente valoração dada à língua e cultura espanholas ibéricas e sul-americanas e nas crenças sobre a aprendizagem dessa língua no Brasil, pois apesar da facilidade de aprendermos essa língua tanto pela aproximação geográfica com os nativos da Língua Espanhola, quanto pelo fato de que português e espanhol possuem a mesma raiz linguística, o que se tem é o desinteresse em aprender a língua e as culturas dos nossos vizinhos. É importante

salientar que o ensino do Espanhol no Brasil é tão desvalorizado que mesmo com a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005 (Lei da obrigatoriedade do Espanhol), conseguiu ganhar status, pois mesmo sendo obrigatória não se consolidou e já foi revogada pela Medida Provisória nº 746, de 2016.

Claro fica também que não podemos creditar os vários problemas que o ensino de espanhol no Brasil enfrenta à circulação de imagens “desfavoráveis” apenas. Há outros fatores, inclusive os de ordem interna, como a organização curricular, a formação de professores, o não fortalecimento do MERCOSUL, que abriria muitos postos de trabalho, o turismo irregular, etc.

Não podemos desconsiderar a presença dos meios: televisão, cinema e jornais que não puderam ser abordados nessa pesquisa mas que merecem um olhar atento também, afinal algumas séries e novelas televisivas como Chaves, Chiquitita, Betty, a Feia, por exemplo, fizeram grande sucesso mas retratam pessoas simples e situações cotidianas corriqueiras, contribuindo para a construção de um imaginário pouco favorável.

Também, para confirmar nossa hipótese, haveria necessidade de termos ouvido os alunos, pois suas falas poderiam acrescentar novos olhares para essa questão.

Porém, o que podemos propor sem medo de errar, para diminuir esse apagamento da América latina é o ensino intercultural de modo que os estudantes possam dialogar e conhecer melhor os nossos vizinhos latinos e que, dessa maneira, possam desfazer essa ideia tão reducionista que temos da América Latina.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM)**. Vol. 1. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2006.
- ESTERMANN, Josef. **Interculturalidad: vivir la diversidad**. Instituto Superior Ecueménico Andino de Teología. La Paz, 2010.
- GOMBRICH, E.H. **A historia da arte**. Ed. LTC, Rio de Janeiro, 2016.
- GALEANO, E. H. **As veias abertas da América Latina**; tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

JODELET, D. (ano?). **Representações sociais**: um domínio em expansão. Disponível em: <http://docplayer.com.br/36945-Representacoes-sociais-um-dominio-em-expansao-denise-jodelet.html>. Acesso em: 27 nov. 2016.

LESSA, G. S. M. Memórias e identidades latino-americanas invisíveis e silenciadas no ensino-aprendizagem de espanhol e o papel político do professor. *In*. ZOLIN-VESZ, F (org). **A (In) Visibilidade da América Latina no Ensino do Espanhol**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

LIMA, L. M. Representações sobre a América Latina em livros didáticos de Língua Espanhola, de história, de geografia e de sociologia. *In*. ZOLIN-VESZ, F (org). **A (In) Visibilidade da América Latina no Ensino do Espanhol**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005.

TODOROV, T. **A conquista da América**: a questão do outro; tradução Beatriz Perrone Moisés. 4ª ed. – São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ZOLIN-VESZ, F. **Crenças sobre ensinar e aprender espanhol**: reprodução e manutenção do *status quo* e da estratificação social. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.